

COMUNICAÇÃO CIENTÍFICA

PESQUISA APLICADA E AS POSSIBILIDADES PARA UMA FORMAÇÃO PROPOSITIVA EM JORNALISMO

Guilherme Carvalho¹; guilhermegdecarvalho@gmail.com
Alexsandro Teixeira Ribeiro², alexsandrotibeiro@gmail.com (coautor)
João Figueira³, jotajotafigueira@gmail.com (coautor)

RESUMO

O artigo propõe um debate epistemológico a respeito das implicações que a quase ausência da pesquisa aplicada em jornalismo provoca na formação institucional em jornalismo. Temos como hipótese que o desenvolvimento de pesquisas aplicadas na área pode ser uma importante atividade no sentido de contribuir para a superação da dicotomia entre teoria e prática, não apenas do ponto de vista da formação de profissionais, mas também no estabelecimento de relações entre universidades e instituições jornalísticas. Partindo disso, construímos um debate que busca identificar os principais desafios para o campo acadêmico, considerando a bibliografia especializada.

PALAVRAS-CHAVE

Pesquisa aplicada. Jornalismo. Formação profissional.

1. INTRODUÇÃO

O campo jornalístico é marcado por um debate recorrente a respeito do distanciamento histórico entre ensino e mercado, teoria e prática, instituições de ensino e redações. Esta dicotomia vem sendo enfrentada por meio de várias iniciativas, entre elas, a aprovação das Diretrizes Curriculares Nacionais de jornalismo, em 2013, que, dentre outras novidades, desvinculam o curso de jornalismo dos demais cursos de Comunicação Social. O texto do documento (BRASIL, 2013) também expressa a necessidade de se pensar o ensino de jornalismo adequado à realidade do mercado de

1 Pós-Doutorado em Jornalismo pela Universidade Estadual de Ponta Grossa, professor do Centro Universitário Internacional Uninter e do Programa de Pós-Graduação em Jornalismo da UEPG.

2 Doutor em Ciências Política pela Universidade Federal do Paraná, professor do Centro Universitário Internacional Uninter.

3 Doutor em Ciências da Comunicação pela Universidade de Coimbra, professor da Faculdade de Letras Faculty e diretor do Mestrado em Jornalismo e Comunicação da Universidade de Coimbra.

trabalho, questão pela qual parte da comunidade acadêmica se posicionou contrariamente à proposta⁴.

Uma das possibilidades de superação desta dicotomia reside na elaboração de pesquisas de caráter aplicado em jornalismo, a partir das quais os pesquisadores, professores e estudantes poderiam desenvolver ações voltadas para atender a demandas jornalísticas da sociedade.

Com o estímulo à pesquisa aplicada haveria a possibilidade para a pesquisa auto-reflexiva, - a que determina o nível de amadurecimento do próprio campo - e que permitiria a cobertura de uma lacuna que provoca muitos prejuízos ao processo de formação: o desenvolvimento de métodos de pesquisa e metodologias de ensino no campo do jornalismo (MACHADO, 2005, p.5)

Em partes, as barreiras para o avanço da pesquisa aplicada em jornalismo estão alicerçadas exatamente em uma dificuldade bilateral entre o campo acadêmico (universidade) e o profissional (mercado) em estabelecer relações que possibilitem a construção conjunta de soluções, ao mesmo tempo em que expressa o paradoxismo calcado na ortodoxia de um jornalismo que separa teoria e prática. A ausência de uma práxis jornalística (GENRO FILHO, 1987) carrega, em essência, uma disputa pouco contributiva ao jornalismo no qual as ações de pesquisa desvinculam-se da realidade ou, em geral, são especialmente críticas à atividade profissional e aos produtos que dela resultam.

Desvinculada, portanto, da sua relação com a prática, a pesquisa jornalística, quando não instrumentalizada para outros fins ou outras áreas de conhecimento, tende a dar ênfase exclusivamente para os problemas, alimentando a dicotomia do campo. Não se trata de um desmerecimento da pesquisa básica ou teórica no jornalismo. Ao contrário. Afinal, não existe pesquisa aplicada sem pesquisa teórica e vice-versa, como aponta Stokes (2005). Entretanto, é de se estranhar que uma área de conhecimento

⁴ A revista Cult publicou em 2013 um dossiê a respeito das diretrizes de jornalismo com artigos assinados por diferentes jornalistas, pesquisadores e professores que teciam sérias críticas ao documento. Dentre os que assinaram estão Ciro Marcondes Filho, Muniz Sodré, José Arbex Jr., Afonso de Albuquerque, Juremir Machado, entre outros. Disponível em: <https://www.cultloja.com.br/produto/dossie-novas-diretrizes-curriculares-do-jornalismo-cult-188/>. Acesso em: 12 mai. 2022.

tão ligada às atividades práticas pouco contribui para o seu desenvolvimento, ao contrário do que ocorre em outras como as engenharias e as áreas ligadas à saúde⁵.

O jornalismo, atividade cujos resultados expressam fortemente um caráter prático, em geral, busca respostas imediatas, como é próprio de um negócio marcado pela lógica comercial (FRANCISCATO, 2007). A pesquisa universitária brasileira (praticamente as únicas onde há pesquisa sobre jornalismo no país), no entanto, não apenas demora a dar respostas, diante de uma série de problemas intra e extra institucional, como também pouco oferece em termos de contribuição ou soluções inovadoras ao mercado.

Com base neste debate temos desenvolvido um trabalho que visa mapear as iniciativas de pesquisa aplicada em jornalismo no Brasil, buscando mensurar e qualificar o que vem sendo elaborado em universidades brasileiras. Os relatórios anuais elaborados pela pesquisa “Tecnologias da Comunicação e a Formação em Jornalismo”, apresentam um volume crescente, mas ainda muito tímido de pesquisas desta natureza e pouco “aplicáveis”, de fato⁶.

Neste artigo, nos atemos ao debate epistemológico a respeito das implicações que a quase ausência da pesquisa aplicada em jornalismo provoca na formação institucional em jornalismo. A hipótese é de que o descompasso entre as instituições e o mercado de trabalho, marcado pelo distanciamento entre a universidade e os jornais, impõe-se como um desafio não apenas para a produção de pesquisas com relevância para o campo profissional, mas também torna a formação de jornalistas pouco

5 Faz-se mister ressaltar que um cenário de oposição dicotômica entre campo profissional e campo acadêmico do jornalismo como elemento prejudicial para a massificação ou ao menos a ampliação das pesquisas aplicadas em jornalismo é amplamente reforçado por pesquisadores da área. Em pesquisa anterior, alcançamos tais leituras mediante entrevistas promovidas com pesquisadores que publicaram trabalhos sobre pesquisa aplicada em jornalismo em revistas científicas. Foram treze entrevistas realizadas usando como base um questionário com 16 perguntas que abordava desde qual instituição o pesquisador atua até os fatores determinantes para o sucesso ou fracasso de um projeto de pesquisa aplicada em jornalismo, na opinião dos pesquisadores. Como destaca a síntese do resultado das entrevistas, os entrevistados destacaram que o fracasso de uma pesquisa aplicada está atrelado à não definição das etapas do projeto, a falta de apoio e recursos financeiros, a ausência de aplicabilidade e ao atender demandas comerciais e empresariais porque ferem o entendimento do jornalismo (CARVALHO et al., 2023).

6 Os dados podem ser conferidos na plataforma OPAJor, elaborado pelos integrantes do grupo.
www.opa.jor.br.

reflexiva e mais reprodutiva de lógicas atuais do mercado. Nesse sentido, entendemos que a pesquisa aplicada pode contribuir para uma formação mais integral e mais propositiva, além de estabelecer relações mais contributivas entre universidades e instituições jornalísticas com vistas à construção da práxis.

2. DEFINIÇÃO DE PESQUISA APLICADA EM JORNALISMO

A definição conceitual de pesquisa aplicada em jornalismo pressupõe um olhar crítico refinado que compreende uma diferença efetiva entre objeto de análise e a “ação” teórica. Uma vez que mesmo a pesquisa teórica precisa se fundamentar em aspectos da realidade, bem como o desenvolvimento de um produto jornalístico no âmbito acadêmico que recebe um olhar reflexivo, a classificação do que é pesquisa aplicada em jornalismo parece não fazer sentido à primeira vista.

Para fins de demarcação de alguns conceitos, apontamos aqui algumas premissas que nos guiam na análise e abordagem sobre os tipos de pesquisa, primeiro, reforçando olhares sobre a Pesquisa Básica (ou ainda conhecida como Pesquisa Pura) e a Pesquisa Aplicada. Apesar de apontar uma correlação entre elas no que tange à preocupação entre a relação teoria e prática, na medida em que a pesquisa básica parte de uma ótica teórica para analisar um fenômeno empírico (ao menos em sua maioria considerando o campo científico do jornalismo, partindo de uma materialidade como corpus de análise), e na medida em que a pesquisa prática busca ecoar as reflexões teóricas em uma ação prática no campo profissional, é fundamental perceber alguns elementos que os caracterizam e que os separaram (ARENDR, 1996).

O aspecto central está na contribuição que cada uma pode ofertar. A pesquisa básica, por exemplo, partindo de um debate teórico, mesmo que se debruçando em um fenômeno jornalístico, tende a estabelecer uma contribuição diretamente alinhada ao campo científico, ampliando o arcabouço de análise e de base teórica para compreensão sobre aspectos do campo profissional. Não que a pesquisa básica, neste ponto, resulte apenas em contribuição para o meio acadêmico, uma vez que seus resultados também podem ser incorporados às dinâmicas formativas do campo profissional, resultando assim em ações práticas em tal espaço. Contudo, não se

persegue claramente esta intencionalidade na sua premissa e na formação do seu problema de pesquisa.

Assim, não se alcança de forma direta o impacto da pesquisa no fenômeno observado, visto que as análises seguem a posteriori ao seu reflexo no campo profissional. Na pesquisa aplicada, a intencionalidade de afetar o universo do campo profissional do jornalismo é assumida como elemento de sustentação na investigação. Assim, o que se propõe de contribuição ao campo profissional se dá *a posteriori* da fundamentação e reflexão teórica, sendo aquela, portanto, determinada pela profundidade e debate desta. Conforme reforça Cervo (2007, p.61), na pesquisa aplicada o investigador é "movido pela necessidade de contribuir para fins práticos mais ou menos imediatos, buscando soluções para problemas concretos".

Segundo Assis (2018, p.136), pesquisa aplicada é um “conceito (que) se refere à aplicação da própria pesquisa em alguma dimensão da vida real (do *locus*, por excelência, do objeto), durante seu desenrolar”. Ou seja, como sugere a conceituação do pesquisador, pesquisa aplicada só pode ser considerada como tal quando encontra materialidade em sua aplicação, isto é, quando torna-se parte do processo produtivo do jornalismo, para além daquilo que está intramuros nas instituições de ensino superior.

A grande maioria dos trabalhos científicos na área amparam-se em objetos empíricos jornalísticos, o que, em certa medida, é também um alento para quem defende uma maior interação entre academia e mercado. Nestes casos, a análise, eventualmente amparada pela teoria e metodologia jornalística, tende a estabelecer pontes reflexivas importantes que podem trazer contribuições a partir da indicação de exemplos ou problemas. Entretanto, as produções desta natureza são independentes das reflexões do campo teórico e da base científica. Ou seja, a análise teórica é *a posteriori* à produção do fenômeno jornalístico. Assim, apesar de destacar sua materialidade, sua natureza não é impactada pela reflexão tardia.

Este tipo de pesquisa, também chamada de pesquisa básica (GIL, 2008; ARENDT, 1996) ou equivocadamente chamada de “pesquisa teórica”, oferece poucas soluções, inovações ou alternativas, o que, do ponto de vista mercadológico, é pouco valorizado e, muitas vezes, repellido, uma vez que indicam críticas sobre questões técnicas, éticas ou estéticas no mundo dos negócios, onde o maior interesse está no lucro e não necessariamente na qualidade da informação a ser oferecida.

Considerando estes falsos dilemas já tão bem abordados por Meditsch (2012), podemos encontrar os pontos críticos que ajudam a explicar as dificuldades para o desenvolvimento da pesquisa com fins aplicados em jornalismo no Brasil. Franciscatto (2007) demonstrava preocupação com esta questão, enriquecendo o debate sobre a necessidade de reconhecimento do campo científico do Jornalismo, que estaria desafiado por duas questões centrais. Em primeiro lugar, pela dependência de áreas associadas das ciências humanas e sociais que, por vezes, se perde, colocando em segundo plano as questões específicas do jornalismo. A dependência de outras ciências gerou um aparato conceitual insuficiente para explicar o jornalismo, segundo ele.

Tal movimento redundante, pela própria natureza de rigor disciplinar da tradição, em uma exigência de o pesquisador em jornalismo dar conta dos problemas (epistemológicos inclusive) destas disciplinas, e tal enfrentamento lhe faz tirar o foco principal sobre as questões conceituais específicas do jornalismo. (FRANCISCATTO, 2007, p.1-2)

O segundo aspecto reside na vinculação do jornalismo à área científica maior. Apesar de seu caráter prático, isto é, um conjunto de habilidades e técnicas executadas pelos jornalistas e das normas, valores e conhecimentos que conformam, dão discernimento e orientam à produção, a maior parte das teorias e metodologias utilizadas nas pesquisas em jornalismo encontra fundamentos nas Ciências Humanas, onde a reflexão teórica tem prioridade. Enquanto isso, os aspectos práticos do pensamento são mais comuns nas Ciências Sociais Aplicadas. Por outro lado, quando comparada às Ciências da Natureza e o desenvolvimento da pesquisa experimental, nota-se a defasagem também das Sociais Aplicadas. Na primeira, o experimento é base

⁷ Entendemos como equivocada a denominação, uma vez que toda pesquisa, seja qual for a natureza, implica em um trabalho teórico.

de conhecimento científico, sobretudo por meio do uso de laboratórios. Já no segundo caso a pesquisa experimental é considerada inaplicável ou tem pouca tradição e prioriza-se a pesquisa que parte de quadros teóricos interpretativos (FRANCISCATTO, 2007).

Complementarmente, Santos (2018) denuncia a baixa produção de pesquisa aplicada em jornalismo como resultado da ligação histórica entre a Comunicação com as Humanidades, Letras e Artes.

As atividades de descrição e, principalmente, interpretação, amplamente utilizadas nos estudos científicos encontrados em revistas e eventos acadêmicos da área, refletem também um direcionamento claro de programas de pós-graduação, grupos de pesquisa e formação de pesquisadores em geral para abordagens que normalmente não tem a intenção de propor coisas ou prescrever soluções para problemas reais; práticas tão comuns em outras áreas do conhecimento, e que, a princípio, deveriam ser essenciais numa ciência, pelo menos, oficialmente, social aplicada. (SANTOS, 2018, p.19)

Tendo em vista estes desafios que indicam ora uma adoção forçada de ciências pouco apropriadas ao jornalismo, ora uma orfandade que revela a ausência de raízes teórico-metodológicas mais consistentes, a pesquisa aplicada, como uma vertente da pesquisa jornalística no Brasil, precisa ser reconhecida, compreendida e localizada. Este ponto de partida ainda não superado, revelador também da imaturidade do campo científico e acadêmico, exige o esforço de definição conceitual e de taxonomia, que precisa ser retomado com certa frequência, diante da incompreensão ou da inexistência deste tipo de produção no ambiente acadêmico-científico, como ocorre na maior parte das escolas de jornalismo do país.

A partir da diferenciação entre pesquisa descritiva e pesquisa experimental, Franciscatto (2007) compreende que a pesquisa aplicada em jornalismo pode encontrar melhores respostas a partir da sua aproximação com a pesquisa experimental, a partir da utilização de um método lógico e técnico, na qual há uma manipulação da realidade a partir do controle de uma situação, para produzir mudanças.

Por outro lado, a adoção desta posição epistêmica pressupõe o afastamento, portanto, em relação à pesquisa descritiva, marcada pela interpretação da realidade sem a intenção de intervir sobre ela, uma vez que “a analogia a experimentos laboratoriais isolados parece pouco adequada para investigar os complexos processos sociais e culturais” (FRANCISCATTO, 2007, p. 5).

Santos (2018) reforça a necessidade de diferenciar a pesquisa aplicada de outros dois tipos de pesquisa: a pesquisa experimental e a pesquisa empírica. A pesquisa experimental “baseia-se na construção de sistemas em que o pesquisador busca o maior controle possível das variáveis envolvidas, de forma a tentar identificar correlação e, eventualmente, causalidade” (SANTOS, 2018, p. 20). A abordagem, neste caso, é reduzida, já que não avança para um estágio de aplicação ou incorporação a um ambiente externo. Já a pesquisa empírica refere-se àquela que coleta dados a partir de aspectos da realidade e interpreta-os. A pesquisa aplicada parte da pesquisa empírica, já que precisa compreender a realidade em que o problema existe e buscar as soluções possíveis.

A diferença entre a pesquisa aplicada e a pesquisa essencialmente teórica pode ser identificada na questão da validação, segundo Santos (2021). Quem valida a pesquisa teórica são pesquisadores ou os chamados pares. Já na pesquisa aplicada são os profissionais ou o público.

3. PESQUISA E ESCOLAS DE JORNALISMO

A contraditória denominação “escola”, ligada à ideia de tempo livre, segundo sua origem grega, é bastante recente e até desconhecida ou pouco usada em cursos de jornalismo do Brasil. O termo ganhou timidamente certo espaço na busca por identificação de comunidades acadêmico-científicas que se voltam ao pensamento do jornalismo, considerando-o também como um campo científico autônomo e guiado por teorias e metodologias próprias.

Tradicionalmente, a pesquisa sobre jornalismo no Brasil iniciada nos anos 1940 em instituições de ensino superior (HOHFLEDT; STRELOW, 2008), nunca esteve desvinculada de outras áreas. Mesmo em fins dos anos 1970 e início dos anos 1980, a pesquisa sobre jornalismo esteve vinculada às Ciências da Comunicação, que

experimentavam um crescimento significativo neste período com a proliferação dos programas de pós-graduação na área.

De acordo com Rüdiger (2021), apenas a partir do final dos anos 1980, com um trabalho genuinamente teórico brasileiro do jornalismo, desenvolvido por Adelmo Genro Filho, mais de 40 anos após a implantação também tardia do primeiro curso superior de Jornalismo no Brasil⁸, é que se verifica um “revisionismo epistemológico” pioneiro que formou um movimento exclusivamente acadêmico que visava a autonomia do Jornalismo como objeto de estudo em relação à Comunicação.

Se comparado a outros contextos, é necessário que se reconheça o avanço do pensamento acadêmico brasileiro no sentido da institucionalização dos estudos em jornalismo. Em Portugal, por exemplo, cuja trajetória da formação em jornalismo é ainda mais atrasada, com o surgimento tardio do primeiro curso superior no final dos anos 1970, na Universidade Nova (Lisboa), o primeiro curso superior de Comunicação Social incluía no tronco formativo questões do jornalismo. A primeira licenciatura exclusivamente em Jornalismo apenas vai aparecer em 1993, na Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra. Como atesta Mesquita (1994), a formação é em praticamente todas as universidades portuguesas vinculada à Comunicação, que, por sua vez, está inserida no âmbito das Ciências Humanas.

A ideia de um jornalismo livre e, sobretudo, formação de jornalistas não foi nunca uma prioridade em Portugal. Em partes, porque a formação generalista em comunicação estava amparado por uma política restritiva à formação específica diante de uma conjuntura marcada pela censura, que durou de 1926 a 1974, em Portugal.

O enfrentamento epistemológico feito pelos brasileiros ainda não foi encarado pelos portugueses, que mantêm raízes muito profundas e dependentes em relação ao campo científico da Comunicação e a partir do qual se expressam dilemas tão insolúveis como os que se percebem no Brasil quando o assunto é a formação em jornalismo e seu distanciamento em relação à realidade do mercado jornalístico.

⁸ Trata-se da sua dissertação de mestrado publicada em livro “O segredo da pirâmide: para uma teoria marxista do jornalismo”, publicado em 1987.

No Brasil, a formação jornalística antes bastante ligada às Ciências Humanas, sobretudo nas universidades federais, aos poucos viu surgir “tendência visando embasar o entendimento do jornalismo como ciência social aplicada, através da criação de um campo teórico próprio para a produção e reprodução de um saber jornalístico [...]” (RÜDIGER, 2021, p.125).

Até então, o Jornalismo era visto como objeto de estudos da Comunicação e, por este motivo, associava-se mais às Ciências Humanas, onde estão suas raízes teórico-metodológicas e cujas teorias amparavam-se tradicionalmente, em grande medida, em áreas como Sociologia, Política, Linguística, História e Filosofia (PONTES, 2008). Nesta perspectiva, sobressaem as teorias de viés marxista, que orientaram o pensamento sobre o jornalismo à luz de correntes teóricas críticas, como é o caso da Escola de Frankfurt e dos Estudos Culturais, de influência europeia. O encantamento destas teorias formou muitos dos pensadores brasileiros, sobretudo nos anos 1970 (LOPES, 2001; RÜDIGER, 2021), que passaram a estudar o jornalismo por esta ótica.

Apesar disso, não se deve negar que no campo da Comunicação também não foi resolvida a questão. Como aponta Lopes (2003), este conflito se arrasta desde o Relatório da Comissão Gulbenkian para a reestruturação das Ciências Sociais, em 1945, que redefiniu a área de abrangência dos conhecimentos, estabelecendo uma disputa pela Comunicação.

Nesse sentido, a formação em jornalismo herdou um embate que o concebia como “fenômeno genérico da cultura” por um lado e atividade prática a ser ensinada por um viés tecnicista, desvinculado de aspectos teóricos, apesar de uma extensa base teórica internacional, principalmente, e muito pouco conhecida dos brasileiros. É por isso que Meditsch (2012) diz ironicamente que o jornalismo é uma “ciência sem passado”, já que o passado teórico desenvolvido em outros idiomas, principalmente na Alemanha, foi ignorado no Brasil.

[...] inserida à força no campo das ciências da comunicação, a área de jornalismo perdera o controle do próprio discurso, submetera-se à importação acrítica de concepções teóricas e metodológicas de áreas cada vez mais estranhas aquilo que seria de seu interesse, impedindo-se de desenvolver programas de ensino e pesquisa adequados ao seu objeto de estudo. O problema teria raiz nas teorias que, vindo o

jornalismo de fora, impediram a acadêmica de colaborar para seu aperfeiçoamento na prática, tentar corrigir os erros e limitações que elas acusam. (RÜDIGER, 2021, p. 127)

Daí a estabelecer algum nível de estranhamento da classificação do Jornalismo exclusivamente no âmbito das Ciências Humanas já parece não soar mais como um sacrilégio acadêmico no Brasil⁹. Os componentes que configuram uma formação voltada à compreensão de públicos, de relações sociais, de aspectos históricos e contextuais preconizados, inclusive, pelas Diretrizes Curriculares Nacionais de Jornalismo, a partir de um certo distanciamento, podem subverter uma ordem que conferia ao jornalismo um papel coadjuvante nos processos sociais. Nesta perspectiva, o Jornalismo tende a ser percebido por seus efeitos para a determinação de causas sociais e humanas.

Meditich (2012) traduz bem esta angústia quando associa as fragilidades profissionais do jornalismo, constantemente relacionada ao sentido de crise de mercado, como efeito da cisão entre prática e teoria, cujo problema se expressa na ausência de reconhecimento acadêmico como requisito para o exercício profissional e no “desprezo” de ambos pelas teorias do jornalismo.

Reside aí, segundo ele, um problema crônico que toma proporções na

inexistência de um corpo de conhecimentos específicos, amadurecido filosófica e cientificamente, consensuado internacionalmente e reconhecido socialmente para justificar o fechamento do mercado de trabalho e seus possuidores, em nome da qualidade da prestação de um serviço. (MEDITSCH, 2012, p.147)

⁹ Uma classificação do Ministério da Educação tem mantido, nos últimos anos, uma situação esdrúxula para os cursos de jornalismo. De acordo com o Manual para Classificação dos Cursos de Graduação e Sequenciais que apresenta a Classificação Internacional Normalizada da Educação (Cine Brasil), os cursos de jornalismo seriam estariam na área geral das Ciências Sociais, Comunicação e Informação. Na versão atual, de 2021, o Jornalismo foi rebaixado a rótulo e nem aparece citado como subárea. Está diluído na área específica Comunicação e informação e na estranha área detalhada Comunicação e reportagem, seguindo a classificação da Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (Unesco). O documento pode ser acessado em https://download.inep.gov.br/publicacoes/institucionais/avaliacoes_e_examenes_da_educacao_superior/manual_para_classificacao_dos_cursos_de_graduacao_e_sequenciais_cine_brasil.pdf. Acesso em: 21 fev. 2024.

Em contrapartida, o reconhecimento da proximidade com as Ciências Sociais torna-se libertador de potencialidades ainda pouco exploradas no campo do Jornalismo, área que o associa, geralmente, à perspectiva mercadológica, já que diz respeito aos aspectos técnico-práticos da ação humana (SILVA, 2005). Aos cursos mais voltados à formação técnica, geralmente nas universidades particulares, cujos resultados se medem pela eficácia na contratação de egressos por empresas jornalísticas, a proximidade com as Ciências Sociais era mais requisitada, reforçando a bipolaridade na formação em jornalismo no Brasil. Nas universidades públicas a formação em jornalismo era mais influenciada pelas Ciências Humanas e, conseqüentemente, o perfil de formados era mais intelectual. Nas universidades particulares, por outro lado, cuja formação era amparada por princípios das Ciências Sociais, o perfil era mais técnico e, logo, associada a uma perspectiva funcionalista, que, de modo geral, foi bastante negada pelos teóricos brasileiros da comunicação, sobretudo, os ligados às universidades públicas (LOPES, 2001).

Em ambos os casos, no entanto, a formação tinha mais em conta as teorias da Comunicação do que do próprio Jornalismo. Nesse sentido, se a bipolaridade institucional contribuiu para reforçar a cisão entre teoria e prática, o problema também foi aprofundado por uma exogenia teórico-metodológica.

Se esta bipolaridade vem perdendo força nos últimos anos, como resultado das ações que buscam o reconhecimento teórico e científico do jornalismo¹⁰ no Brasil, intriga o fato de que poucas ainda são as iniciativas institucionais de universidades brasileiras que conseguem avançar no sentido de estabelecer relações com mercado jornalístico a fim de oferecer soluções e alternativas viáveis e sustentáveis, para além do papel de formação de profissionais, apenas.

10 Conforme destaca Silva (2011), o fortalecimento do jornalismo como campo autônomo científico-institucional nos últimos anos no país é notável, considerando a criação da Associação Brasileira de Pesquisadores em Jornalismo – SBPJor, e a constituição “de revistas acadêmicas, linhas e núcleos de pesquisa e programa de pós-graduação especializado em jornalismo etc.). Compassada com a institucionalização de seu campo científico, segue a especificidade da reflexão acadêmica, na direção da disciplinarização, para a defesa de um território delimitado para a produção e reprodução do saber jornalístico” (SILVA, 2011).

O problema, neste caso, não estaria no dilema epistemológico das raízes do jornalismo e seu pertencimento a esta ou àquela área científica, cujos aspectos são meramente classificatórios e pouco dizem sobre as teorias que devem ou não ser requisitadas para os estudos em Jornalismo, se se reconhece sua autonomia e sua força como ciência.

A postulação de que o jornalismo é ciência social aplicada pode, é claro, vir a ter mais força, porque, academicamente, o aprendizado é domínio da coisa comporta a experimentação, mas, por outro lado, essa, em geral, é frágil e seus poucos resultados produtivos, salvo engano, raramente são adotados pela profissão e a indústria. Ao contrário do que acontece em áreas como medicina ou a engenharia, a acadêmica tem muito pouca influência no exercício profissional do jornalismo, não sendo incomum sua alienação recíproca. Às impugnações da primeira parte dos profissionais não são estranhas às irresponsabilidades intelectuais e muitos acadêmicos, conforme se pode ver, por exemplo, no ensaísmo selvagem presente em tantas manifestações da área. (RÜDIGER, 2010, p.148)

Não há nenhum absurdo na crítica de Rüdiger. A dificuldade acadêmica do jornalismo, que está *pari passu* com as crises do mercado jornalístico, é própria de um campo que não avança ou faz pouquíssimos progressos para superar a dicotomia entre teoria e prática. Mas, neste cenário, a classificação sobre a qual área científica pertence parece pouco eficaz, se considerarmos iniciativas que associam o jornalismo a uma dupla identidade Humana e Social como algo benéfico.

Nesse caso, pouco importa o axioma científico se em ambos os casos as teorias e a metodologia continuam não sendo jornalísticas, ou, como propõe Groth (2011), em seu esforço pelo reconhecimento da Ciência dos Jornais, se não se desenvolve três elementos fundamentais para o avanço científico em qualquer área: objeto próprio, método próprio e sistema próprio.

4. POTENCIALIDADES DA PESQUISA APLICADA

De acordo com Stokes (2005), a superação do modelo linear que percebia a pesquisa aplicada como resultante do desenvolvimento da pesquisa básica possibilitou a superação da dicotomia entre ambas e reconheceu um grau de importância significativa para a ciência e a tecnologia nos Estados Unidos. Em seu estudo,

observando eventos de progresso tecnológico ao longo do século XX, ele verificou que a relevância de institutos de pesquisa, pesquisadores e suas pesquisas ocorreu quando pesquisa básica e pesquisa aplicada foram associadas.

Mais do que isso, foram estes movimentos que direcionaram investimentos públicos e privados para a constituição de universidades e cursos superiores, uma vez que “converteram a pesquisa científica original em uma carreira profissional economicamente viável” (STOKES, 2005, p. 73).

Neste ambiente, não só ascenderam mais rapidamente as áreas em que a pesquisa básica estava associada à pesquisa aplicada, mas também aquelas em que a produção científica estava associada à formação profissional. As invenções e inovações agora institucionalizadas em universidades forjaram

um forte elo entre a pesquisa e a formação, na medida em que os professores titulares, que dirigiam o trabalho em seus institutos de pesquisa, eram também responsáveis pelo ensino nesses campos. Novos formatos para o aprendizado – aulas de especialistas, seminários de pesquisa, experiências de laboratório, estudos monográficos – foram criados para suprir as necessidades do currículo científico. (STOKES, 2005, p. 66)

Este movimento importado da Suíça, Áustria e Alemanha pelos Estados Unidos provocou uma aceleração do progresso científico neste último, comprovando sua eficácia em termos de resultados de pesquisa associado à formação de profissionais altamente qualificados que encontravam igualmente uma carreira profissional economicamente viável e promissora. Movimento este que seria refreado no pós-guerra com a tentativa de separação entre pesquisa básica e aplicada, segundo Stokes (2005).

Estes elementos dão pistas sobre o que precisa ser realizado para que o jornalismo supere suas limitações. É claro que, diferentemente de áreas de conhecimento mais desenvolvidas, são necessários muitos passos ainda a serem dados. A começar pelos dilemas científicos já apontados anteriormente e dos quais outras áreas mais avançadas não precisam encarar.

Nesse sentido, o investimento em pesquisa aplicada em jornalismo pode representar mais do que a oferta de uma inovação ao mercado jornalístico, como quer

fazer entender muitos dos críticos a qualquer relação entre universidade e empresas jornalísticas. O desenvolvimento deste tipo de pesquisa ainda bastante incipiente é capaz de mobilizar o pensamento acadêmico para outras possibilidades, conferindo uma formação diferenciada, mais propositiva e mais integrada à realidade, capaz de fazer avançar o campo científico específico tornando-o menos dependente.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ainda que possamos identificar uma quantidade ainda muito pequena de pesquisa aplicada em jornalismo, o recente interesse acadêmico maior a este tipo de pesquisa no Brasil pode estar associado a um contexto desafiador ao jornalismo. O interesse por pesquisa aplicada em geral está associado à inovação no jornalismo.

A inovação, por sua vez, conceitua-se no sentido de oferecer novas possibilidades, por meio de recursos que possam transformar a realidade. Em um cenário de crise para o modelo de negócio jornalístico, marcado pelo enxugamento de redações, redução de processos de maior custo como a impressão e processos que exijam tempo e dinheiro para a produção jornalística, a inovação pode oferecer respostas para que o jornalismo possa se diferenciar em relação àquilo que o mercado midiático tem ofertado.

Mais do que isso, este assunto desperta o interesse do campo em todos os sentidos, exigindo também do campo acadêmico repostas que garantam também às instituições de ensino e pesquisa um papel relevante neste processo. Daí porque a pesquisa aplicada deve ser vista com outros olhos. A pesquisa aplicada pode ser tornar a ponte entre o jornalismo e a inovação, oferecendo soluções para problemas específicos e garantindo um diferencial competitivo para os jornais (ALEXANDRE; AQUINO, 2021), devolvendo ao campo acadêmico um papel protagonista capaz de desenvolver pesquisa associada à formação qualificada.

REFERÊNCIAS

ALEXANDRE, Tássia; AQUINO, Maria Clara. **Pesquisa aplicada como inovação metodológica no jornalismo. dimensões teórica, empírica e experimental.** Revista Observatório, Palmas, v. 7, n. 3, p. 1-23, jul.-set.,2021.

ASSIS, Francisco. **Pesquisa aplicada em jornalismo: o desafio da construção do objeto.** Comunicação & Inovação, v. 19, n. 41, p. 133-148, set-dez 2018. Disponível em: <https://seer.uscs.edu.br/index.php/revista_comunicacao_inovacao/article/view/5518/2560> Acesso em: 12 março. 2024.

ARENDT, Ronald. Pesquisa básica versus pesquisa aplicada. **Temas em Psicologia**, n. 3, p. 71-78, 1996.

BRASIL. Ministério da Educação, Conselho Nacional de Educação - Câmara de Educação Superior. **Resolução Nº 1, De 27 De Setembro De 2013.** Institui as Diretrizes Curriculares Nacionais para o curso de graduação em Jornalismo, bacharelado, e dá outras providências. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_docman&task=doc_download&gid=14242&Itemid>. Acesso em: 05 jan. 2024.

CARVALHO, Guilherme; FERRO, Jeferson; RIBEIRO, Alexsandro Teixeira. Os desafios para a pesquisa aplicada em jornalismo: dados de entrevistas com pesquisadores. 22º Encontro Nacional de Ensino de Jornalismo e IV Congresso de Jornalismo da Amazônia. **Anais...** Associação Brasileira de Ensino de Jornalismo, 2023. Disponível em: <https://repositorio.abejor.org.br/wp-content/uploads/2023/10/OS-DESAFIOS-PARA-A-PESQUISA-APLICADA.pdf>. Acesso em: 20 fev. 2024.

CERVO, Amado L. et al. **Metodologia científica.** 6 ed. São Paulo: Pearson Prentice Hall, 2007.

FRANCISCATO, Carlos. **Delimitando um modelo de pesquisa aplicada em jornalismo.** IX Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação da Região Nordeste – Salvador – BA. Anais..., 2007. Disponível em: <http://www.intercom.org.br/papers/regionais/nordeste2007/resumos/R0596-1.pdf>. Acesso em: 12 mai. 2022.

GENRO FILHO, Adelmo. **O segredo da pirâmide:** para uma teoria marxista do jornalismo. Porto Alegre, Tchê, 1987.

GIL, Antonio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social.** 6. ed. São Paulo: Atlas, 2008.

GROTH, Otto. **O poder cultural do desconhecido:** fundamento da Ciência dos Jornais. Petrópolis: Vozes, 2011.

HOHLFELDT, Antônio; STRELOW, Aline. Métodos de pesquisa em jornalismo. In: **Jornalismo, História, Teoria e Metodologia:** perspectivas luso brasileiras. Porto: Edições Universidade Fernando Pessoa, 2008, p. 378-391.

LOPES, Maria Immacolata. **Pesquisa em comunicação.** 5 ed. São Paulo: Loyola, 2001.

_____. **Sobre o Estatuto Disciplinar do Campo da Comunicação.** São Paulo: Loyola, 2003.

MACHADO, Elias. **A Pesquisa aplicada em jornalismo como fator de desenvolvimento.** Conferência proferida no Seminário Adelmo Genro Filho, comemorativo dos 30 anos da Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação (Intercom) e dos 20 anos do livro O Segredo da Pirâmide, 26 jul. 2005. Centro de Ciências Sociais e Humanas, na Universidade Federal de Santa Maria (RS). Disponível em: https://facom.ufba.br/jol/pdf/2005_goncalves_pesquisa_desenvolvimento.pdf. Acesso em: 03 mar. 2024.

MEDITSCH, Eduardo. **Pedagogia e pesquisa para o Jornalismo que está por vir.** Florianópolis: Insular, 2012.

MESQUITA, Mário. **A educação para o jornalismo:** uma perspectiva sobre Portugal. Intercom. Revista Brasileira de Comunicação. São Paulo, v. XVII, n. 2. p. 75-97, jul/dez, 1994. Disponível em: <https://revistas.intercom.org.br/index.php/revistaintercom/article/view/1127/1040>

PONTES, Felipe. **Do jornalismo e da história à história do jornalismo.** Estudos em Jornalismo e Mídia. Ano v, n. 2, p. 167-185, jul./dez. 2008.

RÜDIGER, Francisco. **As teorias do jornalismo no Brasil.** Florianópolis: Insular, 2021.

SANTOS, Marcio Carneiro. **Pesquisa aplicada em comunicação:** O estranhamento da interdisciplinaridade que nos assombra. Comunicação & Inovação, v. 19, n.41, p. 18-33, set-dez 2018.

_____. **Por uma epistemologia orientada à complexidade:** notas sobre a pesquisa no campo da Comunicação. In: PARIZI, Rafael; MARTINS, Tiago (org.). Comunicação & Sistemas de Informação. v.1. Uruguaiana, RS: Editora Conceito, 2021, p. 56-68.

SILVA, Mary. **Métodos e técnicas de pesquisa.** 2. ed. Curitiba: Ibpex, 2005.

SILVA, Gislene. **De que campo do jornalismo estamos falando?** MATRIZES, [S. l.], v. 3, n. 1, p. 197-212, 2011. DOI: 10.11606/issn.1982-8160.v3i1p197-212. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/matrizes/article/view/38248>. Acesso em: 09 mar. 2024.

STOKES, Donald. **O quadrante de Pasteur:** a ciência básica e a inovação tecnológica. Campinas (SP): Editora da Unicamp, 2005.